

## DITADURA, SEQUESTROS E DESAPARECIMENTOS: UMA ANÁLISE DE *K. RELATO DE UMA BUSCA* (2011), DE BERNARDO KUCINSKI

Bruno Marques Duarte<sup>1</sup>.  
Maria Cleciane Sousa Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o romance *K. relato de uma busca* (2011), narrativa contemporânea de temática histórica, escrito por Bernardo Kucinski. A obra narra a trajetória de um pai em busca de sua filha, desaparecida política, durante o período da Ditadura Militar brasileira (1964-1985). O objetivo consiste em averiguar a ficcionalização do período ditatorial, centrando-se, sobretudo, nas práticas repressivas como sequestros, desinformações, opressão e desaparecimentos de pessoas consideradas “subversivas” pelo Estado. O método analítico tem como base teórica, a pesquisa bibliográfica, que apresenta os principais conceitos acerca do tema em estudo, dentre os principais nomes, tem-se Lukács (1955), Bastos (2007) Bosi (2002), Fico (2001). A partir da análise, destaca-se a influência do modo clássico do romance histórico na obra, bem como os elementos definidores da historicidade deste gênero. Além disso, a Ditadura é representada pelos seus principais dispositivos repressivos organizados pelos agentes opressores, tais como: sequestros, desaparecimentos, repressão, desinformações e torturas, fatos documentados pelo período. O romance apresenta a resistência na figura do protagonista K, que luta para encontrar sua filha abduzida pelos militares.

**Palavras-chaves:** Ficcionalização; Resistência; Ditadura militar; Práticas repressivas.

## DICTATORSHIP, KIDNAPPINGS AND DISAPPEARANCES: AN ANALYSIS OF *K. RELATO DE UMA BUSCA* (2011), BY BERNARDO KUCINSKI

### ABSTRACT

This article aims to analyze the novel *K. relato de uma busca* (2011), a contemporary narrative with a historical theme, written by Bernardo Kucinski. The work narrates the trajectory of a father in search of his daughter, politically missing, during the period of the Brazilian Military Dictatorship (1964-1985). The objective is to investigate the fictionalization of the dictatorial period, focusing, above all, on repressive practices such as kidnappings, misinformation, oppression and disappearances of people considered “subversive” by the State. The analytical method is theoretically based on bibliographical research, which presents the main concepts about the subject under study, among the main names, Lukács (1955), Bastos (2007) Bosi (2002), Fico (2001). From the analysis, the influence of the classic mode of the historical novel in the work is highlighted, as well as the defining elements of the historicity of this genre. In addition, the Dictatorship is represented by its main repressive devices organized by oppressive agents, such as: kidnappings, disappearances, repression, disinformation and tortures, facts documented by the period. The novel presents resistance in the figure of the protagonist K, who struggles to find his daughter abducted by the military.

**Keywords:** Fictionalization; Resistance; Military dictatorship; Repressive practices.

<sup>1</sup> Professor adjunto da UESPI. E-mail: brunomarques@prp.uespi.br

<sup>2</sup> Graduada em Letras - Português pela Universidade Estadual do Piauí, Brasil(2023)  
Professora do Instituto Xavier, Brasil

## DITADURA, SEQUESTROS E DESAPARECIMENTOS: UMA ANÁLISE DE K. RELATO DE UMA BUSCA (2011), DE BERNARDO KUCINSKI

### DICTADURA, SECUESTRO Y DESAPARICIONES: UN ANÁLISIS DE K. INFORME DE UNA BÚSQUEDA (2011), DE BERNARDO KUCINSKI

#### RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar la novela *K. relato de una busca* (2011), una narrativa contemporánea de temática histórica, escrita por Bernardo Kucinski. La obra narra la trayectoria de un padre en busca de su hija, desaparecida políticamente, durante el período de la Dictadura Militar brasileña (1964-1985). El objetivo es investigar la ficcionalización del período dictatorial, centrándose, sobre todo, en prácticas represivas como secuestros, desinformación, opresión y desapariciones de personas consideradas “subversivas” por el Estado. El método analítico tiene como base teórica la investigación bibliográfica, la cual presenta los principales conceptos sobre el tema en estudio, entre los principales nombres se encuentran Lukács (1955), Bastos (2007) Bosi (2002), Fico (2001). Del análisis se destaca la influencia del modo clásico de la novela histórica en la obra, así como los elementos definitorios de la historicidad de este género. Además, la Dictadura está representada por sus principales dispositivos represivos organizados por agentes opresores, tales como: secuestros, desapariciones, represión, desinformación y torturas, hechos documentados durante el período. La novela presenta resistencia en la figura del protagonista K, quien lucha por encontrar a su hija secuestrada por militares.

**Palabras clave:** Ficcionalización; Resistencia; Dictadura militar; Prácticas represivas.

#### Introdução

O presente artigo propõe-se analisar a representação da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), centrando-se nas práticas de sequestros, desinformações, opressão e desaparecimentos de pessoas consideradas “esquerdistas” pelo Estado, a partir do romance histórico *K. relato de uma busca* (2011), de Bernardo Kucinski. O objetivo deste trabalho será averiguar a ficcionalização do regime militar e das principais práticas opressoras executadas pelo governo presentes na obra. Ou seja, examinar os recursos estilísticos e temáticos que o autor utiliza para representar o período ditatorial, visando denunciar as formas repressivas utilizadas para silenciar os opositores da ditadura.

No romance aqui selecionado, Kucinski narra a história de K. um imigrante judeu, que busca pistas sobre o desaparecimento forçado em abril de 1974, de sua filha A., professora universitária de química, militante política, sequestrada pelos agentes da repressão durante o período ditatorial. Ao longo da obra, K. vive em uma incerta busca pelo paradeiro da filha, procurando explicações concretas sobre o seu sumiço. Porém, com o passar dos meses a persistência do pai dará lugar à desilusão de encontrar A. com vida e será movido apenas pela necessidade de poder ter um corpo para velar e enterrar.

Além do intuito de analisar a representação literária da Ditadura Militar, o artigo também objetiva examinar a estrutura composicional do romance selecionado, bem como

também, fazer uma análise das categorias da narrativa. Além do mais, pretende-se averiguar a denúncia sócio-histórica contida nesta obra, especificamente, sobre as práticas de sequestros, torturas e desaparecimentos de pessoas no período histórico ditatorial.

*K. relato de uma busca*, vincula-se à produção ficcional brasileira contemporânea que, desde pelo menos a redemocratização, tem se debruçado sobre o período ditatorial. Isso se verifica nas ficções históricas: *Um romance de geração* (1980), de Sérgio Sant'Anna, *Em liberdade* (1981), de Silviano Santiago, *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado, *Azul corvo* (2010), de Adriana Lisboa, *O punho e a renda* (2010), de Edgard Telles Ribeiro, *Mar azul* (2012) de Paloma Vidal e *Vidas provisórias* (2013), de Edney Silvestre. Logo, nota-se que, a partir de 2014, ano do cinquentenário do golpe militar de 1964, a produção ficcional a respeito desse período tornou-se bastante expressiva.

Sob esse viés, a pesquisa se justifica por buscar entender a ficcionalização do período da Ditadura Militar, principalmente nas práticas repressivas como sequestros, opressão e desaparecimentos de pessoas contrárias ao regime ditatorial, presentes na narrativa em questão. Além disso, observa-se a importância de estudar as produções ficcionais históricas brasileiras contemporâneas, que representam literariamente o período da Ditadura Militar nacional. Tendo em vista que essas obras ao recriarem esse ambiente de terror da história brasileira, por meio da ficcionalização das personagens, possibilitam uma representação sobre o que foi vivenciar essa época de profundo obscurantismo e retrocesso dos direitos humanos.

Outrossim, verifica-se ainda uma fortuna crítica insuficiente a propósito dos escritores da nova geração do romance histórico nacional, diante disso, o trabalho contribuirá de forma significativa para a fortuna crítica da obra em questão. Ainda sobre a relevância desse estudo, ressalta-se a importância em se trabalhar romances históricos na conjuntura atual do país, no qual, as ameaças de um novo golpe militar tornaram-se frequentes. Dessa maneira, temáticas como opressão, a importância de uma sociedade democrática e a liberdade de expressão são recorrentes à contemporaneidade brasileira e estão presentes na obra em análise, que se faz uso da ficção histórica, enquanto memória.

Para organizar as ideias que aqui serão discutidas, o artigo se estruturará em cinco tópicos principais. O trabalho se inicia com a introdução, já em execução. Em seguida, apresentam-se os principais apontamentos teóricos sobre a origem e formação do gênero romance histórico, além das aproximações entre a narrativa e resistência e as considerações sobre os sistemas opressores durante o regime ditatorial. Já na terceira parte, será apresentada a vida e obra de Bernardo Kucinski, autor da narrativa em análise, por fim, se apresentará a análise acerca da obra e um tópico com a conclusão.

## **1 Romance histórico, ditadura e resistência**

Levando em consideração o fato de que o objeto de estudo seja uma obra que retrata, de modo intrínseco, a relação entre a Literatura e História, faz-se aqui uma breve sistematização dos principais pressupostos teóricos que caracterizam e explicam o surgimento do subgênero responsável pela união destes, o Romance Histórico. Outrossim, por se tratar de uma produção ficcional que representa literariamente o período da Ditadura Militar, realiza-se uma síntese sobre as aproximações entre a narrativa e resistência, bem como também, as considerações a respeito do funcionamento interno dos principais sistemas opressores durante esse período.

### **1.1 O romance histórico: origens e características**

Em primeira instância, a relação entre a representação da literatura e a história e o surgimento do romance histórico foi abordada a partir da publicação em 1937 da obra *Romance histórico*, de György Lukács. Sob esse viés, o teórico discorre a respeito das origens, condições sócio-históricas e das principais características desse gênero, além de fazer menção a outras particularidades pertencentes a esse campo de escrita ficcional e histórica.

Dentro desse contexto, ao apresentar o conceito de romance histórico Lukács atribui a origem deste ao início do século XIX, a partir da publicação da narrativa *Warveley* (1814), do escocês Walter Scott. Dessa maneira, para o teórico as obras scottianas seriam as primeiras a destacar de fato, o que ele caracteriza como elemento especificamente histórico, compreendido como “o fato de a particularidade dos homens ativos derivar da especificidade histórica de seu tempo” (LUKÁCS, 2011, p. 33).

Segundo o pensador húngaro, os romances históricos do século XVIII “são históricos apenas por sua temática puramente exterior, por sua roupagem” (LUKÁCS, 2011, p. 33). Ou seja, esses romances escritos anteriormente se preocupavam apenas em retratar a história enquanto temática, explorando apenas os aspectos próprios da época vivida pelo escritor. Em outras palavras, essas obras não dispunham da presença do elemento especificamente histórico, que seria a representação em totalidade dos aspectos psicológicos, ações e costumes dos indivíduos da época retratada. Além disso, Lukács menciona que há uma divisão entre as duas tendências do romance histórico, podendo este dividido em romântico e clássico.

Tomando como base o romance histórico em sua forma clássica, foco da análise feita pelo historiador, Lukács atribuiu a este quatro características. A saber: 1) os romances focam-se na representação da vida popular e comum do povo; 2) a intriga expõe as grandes crises da História de uma nação; 3) o (a) protagonista ficcional é caracterizado (a) como um (a) personagem mediano (a), que representa uma coletividade social, sendo retratado (a) como uma persona típica, prosaica, comum e serve de elo para os dois lados em conflito; e 4) as grandes personalidades históricas aparecem como personagens coadjuvantes, não sendo romantizadas.

Desse modo, a primeira destas particularidades está relacionada ao foco das ações representadas nos romances, uma vez que a intriga focaliza a vida popular e comum do povo. A segunda característica elencada, cita que estas narrativas retratam em seus enredos as grandes crises da História de uma nação, assim os romances “figuram as grandes convulsões da história como convulsões da vida do povo” (LUKÁCS, 2011, p.68).

Por conseguinte, os protagonistas dos romances clássicos são caracterizados como heróis fictícios, típico, prosaico e comum. Além disso, esse herói se caracteriza por seu caráter mediador e se tornará responsável por promover o elo entre os dois lados em conflito. Assim, esses personagens têm a tarefa mediar e devem estar em “solo neutro sobre o qual as forças sociais opostas possam estabelecer uma relação humana entre si” (LUKÁCS, 2011, p.53).

Por fim, as grandes personalidades históricas devem aparecer apenas como figuras coadjuvantes e não como protagonistas. Conforme Lukács, as figuras históricas devem ser retratadas “como pessoas dotadas de virtudes e fraquezas, de boas ou más qualidades” (LUKÁCS, 2011, p. 68). Ou seja, o grande herói é retratado, com toda sua nobre grandeza histórica, porém, mais humanizado, diferenciando-se assim do herói romântico.

Ainda de acordo com a relação entre literatura e historiografia, Alcmenno Bastos apresenta na obra *Introdução ao romance histórico* (2007), os componentes definidores da historicidade do romance histórico. As características citadas pelo autor são: 1) matéria narrada de extração histórica; 2) a trajetória das personagens associada ao destino político da comunidade; 3) supostas marcas registradas para o efeito de historicidade; 4) presença de marcas registradas reconhecíveis pelo leitor; 5) a matéria narrada “remota”; e 6) a narrativa deve apresentar um tom conclusivo quanto aos eventos históricos focalizados.

Com base nisso, o autor cita o conceito de “extração histórica”, ou seja, a matéria narrada deve ser obrigatoriamente de extração histórica. Em outras palavras, todos os elementos presentes nas narrativas deverão ter sido objeto de registro documental escrito ou não. Além disso, é essencial que estes sejam facilmente reconhecíveis pelos leitores que possuem certo conhecimento da história da comunidade nacional (BASTOS, 2007, p.84).

## DITADURA, SEQUESTROS E DESAPARECIMENTOS: UMA ANÁLISE DE K. RELATO DE UMA BUSCA (2011), DE BERNARDO KUCINSKI

Outrossim, a trajetória das personagens relevantes da narrativa deve estar associada de forma intrínseca ao destino político da comunidade (BASTOS, 2007, p.106). Dessa forma, não basta apenas que os romances apresentem em sua composição a matéria de extração histórica, é preciso que a matéria representada incida de modo significativo na vida dos protagonistas. Ou seja, é necessário que tais acontecimentos influenciem ou modifiquem as ações e o destino dos personagens.

Paralelamente, é imprescindível a presença das supostas marcas registradas para o efeito de historicidade. Assim, tais artifícios são observados mediante a criação ou menção de acontecimentos, personagens e recursos que remetem a um determinado período histórico e que assimilem certa verossimilhança com as ações externas. O autor acrescenta que dentro do nível textual é necessário a presença de marcas registradas, que sejam reconhecíveis pelo leitor. No mais, essas marcas são retratadas por meio de nomes próprios, de acontecimentos e datas históricas ou topônimos (BASTOS, 2007, p. 107).

Ademais, a matéria narrada deve ser “remota”, isto é, deve haver certo distanciamento entre os fatos narrados e a época vivida pelo escritor. Sob esta perspectiva, para que uma narrativa atenda à exigência da remotividade citada pelo estudioso, é necessário que “a matéria narrada deveria estar afastada no tempo, em termos cronológicos, impossíveis de serem determinados, mas, de qualquer modo, situados em épocas remotas” (BASTOS, 2007, p. 96).

No mais, as narrativas devem apresentar um tom conclusivo quanto aos eventos históricos focalizados, com a presença, explícita ou não de um epílogo. (BASTOS, 2007, p.107). Em outras palavras, esse tom conclusivo é de suma importância para que não restem dúvidas sobre o destino das personagens e do desdobramento de suas ações ao término do romance.

### 1.2 Ditadura no Brasil, professores e resistência

Para discutir sobre as aproximações entre narrativa e a resistência, o teórico brasileiro Alfredo Bosi apresenta na obra *Literatura e resistência* (2002), o conceito de resistência e os seus principais tipos. Conforme Bosi, a resistência é entendida como “um conceito originalmente ético e não estético” (2002, p.118). O autor ainda acrescenta, que o ato de resistir se dá quando a própria força interior do indivíduo resiste às forças exteriores.

Sob esse viés, o termo resistência teve a sua origem e aproximação no âmbito da literatura nas décadas de 1930 a 1950, quando os autores e intelectuais engajaram-se contra os

ideais dos regimes totalitários que estavam em ascensão naquela época (BOSI, 2002, p.125). Além disso, para o teórico há dentro do processo de escrita um momento de “translação”, que ocorre quando o autor transpassa do aspecto ético para o estético e a partir disso, passa a explorar os seus valores em oposição aos antivalores.

O conceito de valor é compreendido como aquilo que é objeto da intencionalidade e da vontade, sendo responsável por mover as ações. Ou seja, quando sujeito interfere na trama social este é movido por valores e está agindo no combate aos seus respectivos antivalores. Segundo Bosi, são “exemplos de valores e antivalores: liberdade e despotismo, igualdade e iniquidade, fidelidade e traição” (2002, p. 120). Além disso, há dois tipos de resistência conjugada à narrativa, e que não são excludentes. Assim, o primeiro tipo está relacionado à resistência enquanto temática da obra e o segundo, a resistência como processo inerente a escrita (2002, p.120).

Dessa maneira, a resistência como tema é observada mediante ao relato de fenômenos históricos ou acontecimentos datados de uma nação (BOSI, 2002, p. 125). Esse tipo de obra reproduz aspectos que são inerentes aos valores presentes em certas culturas, contextos e períodos. Logo, essa resistência é construída através do plano cotidiano atuante e a escrita ficcional torna-se uma transcrição dos discursos político/ideológico com uma narrativa ilustrada sob o viés circunstancial.

No segundo tipo, a resistência é tida como processo imanente da escrita e corresponde ao ponto de vista e à estilização da linguagem (BOSI, 2002, p.129). Além disso, esta surge da tensão eu/mundo e está relacionada ao modo como o autor problematiza a sua realidade e também na sua liberdade de compor sua obra, utilizando para tal, diversos recursos estéticos que evidenciem a sua forma de resistir. Desse modo, essa resistência se dá, por exemplo, na postura do narrador, nos temas, situações e nas ações dos personagens que irão contestar e causar uma tensão na composição literária.

Na obra *Como eles agiam: os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política* (2001), o historiador e professor brasileiro Carlos Fico apresenta como a DSI (Divisão de Segurança e Informações), agia e investigava as atividades daqueles cidadãos considerados opositores ao regime militar. Além disso, expõe como se consolidaram os principais sistemas repressivos do período e as principais técnicas usadas para reprimir os “inimigos” da ditadura principalmente os estudantes, professores e intelectuais.

Em primeira instância, o autor caracteriza o período ditatorial brasileiro como “anos de profundo obscurantismo e sectarismo, geradores de consequências perversas” (2001, p.17). Sob esse viés, as marcas deixadas pelos “anos de chumbo” legaram resquícios traumáticos para a

**Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p.197 – 216, ago. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

## DITADURA, SEQUESTROS E DESAPARECIMENTOS: UMA ANÁLISE DE K. RELATO DE UMA BUSCA (2011), DE BERNARDO KUCINSKI

sociedade brasileira, tendo em vista que essa época foi marcada por períodos extremamente repressivos, especialmente, entre os anos de 1968 a 1974, caracterizado por intensa perseguição política e conhecido como “auge da repressão”.

A organização interna da Ditadura Militar era composta pelo sistema nacional de segurança e investigação, o qual se consolidou na década de 1970 e o seu desmonte ocorreu somente no início do processo de redemocratização. Além disso, esse sistema era responsável por reunir informações e dados sobre os brasileiros tidos como “subversivos” ao regime com o intuito de incriminá-los. Logo, essas ações resultavam em julgamentos subjetivos e sem direito de defesa dos cidadãos, além de prisões arbitrárias, torturas e assassinatos de presos políticos (FICO, 2001, 105).

Outro sistema analisado é estrutura da repressão, o qual visava endurecer as penas contra os opositores, para isso foi necessária a supressão de direitos básicos dos indivíduos. Esse mecanismo repressivo tinha uma estrutura de informação própria e era composto pelo DOPS, que executava os interrogatórios e as ações de combate e pelo DOI-CODI, responsáveis pelas prisões e torturas. Ademais, como principais mecanismos utilizados pelos sistemas de repressão pode-se citar a censura, a perseguição contra os opositores, sequestros e torturas.

Ademais, vale destacar que todas essas ações eram controladas pelos militares do alto escalão do Estado, como observa Carlos Fico “os crimes de tortura e assassinatos de presos políticos foram cometidos com a conivência dos oficiais-generais responsáveis pelas diretrizes e operações de segurança interna” (2001, p. 27). Ou seja, a alta cúpula militar não só tinha conhecimento desses atos repressivos, como também era conveniente com tais práticas.

Sob esse viés, a repressão também era imposta por meio da censura aos meios de comunicação. O autor acrescenta que havia uma perspectiva que “identificava na imprensa, na TV, no teatro e no cinema um propósito constante de “deturpação da imagem do governo”, e tendia a confundir relatos jornalísticos ou criações humorísticas com a estratégia da “comunização do povo brasileiro” (2001, p. 183). Assim, esse mecanismo visava controlar toda a produção intelectual e cultural produzida durante o regime, a fim de manter os interesses do Estado.

Além disso, a perseguição contra opositores era empreendida principalmente contra os jovens de classe média, pois estes seriam “subversivos” e poderiam ser facilmente influenciáveis pelos ideais comunistas. Além do mais, os estudantes universitários eram “muitíssimo visados pelos órgãos de informações, uma vez que as suas atividades políticas e organizações militantes eram vistas como uma ameaça para o regime militar” (FICO, 2001, p.

187). Logo, durante esse período muitos jovens e intelectuais que constituíam esse grupo especialmente perseguido, foram vítimas de diversas ações repressivas.

Outrossim, o autor acrescenta que os professores também eram constantemente perseguidos, e o desligamento de suas funções e até a aposentadoria eram mecanismos que as comunidades de segurança e de informações usavam contra aqueles docentes que fossem tidos como “esquerdistas” (2001, p.189). Diante disso, observa-se como os indivíduos da esfera educacional foram frequentemente alvos do regime militar. Portanto, tudo deveria ser feito para que os opositoristas ao regime ditatorial fossem silenciados, para tal, os militares utilizaram dos aparatos repressivos contra essa parcela da população.

## **2 Análise de K. relato de uma busca, de Bernardo Kucinski**

O romance aqui analisado foi responsável pela estreia de Kucinski na literatura e tem como foco narrativo a história de um pai a procura de sua filha, desaparecida durante a Ditadura Militar. No decorrer dos capítulos, a trajetória de K. é narrada através de diversos pontos de vistas, os quais ajudam a recriar os acontecimentos que explicam o desaparecimento de A., as buscas por informações e as ações do pai que luta sozinho contra o sistema repressivo ditatorial.

O romance não segue uma perspectiva linear sendo apresentado a partir de pequenos fragmentos. Assim, a narrativa começa no ano de 2010, mediante o relato do momento em que chegam em sua residência cartas destinadas à sua irmã, desaparecida a quase 4 décadas. A partir desse momento, é narrado o percurso de K., desde que percebe o sumiço inexplicável da filha, a descoberta da sua vida clandestina, a busca solitária por explicações, entre outras situações.

Porém, apesar de seu esforço não consegue encontrar a filha ou até mesmo explicações verídicas sobre seu desaparecimento. Diante disso, o foco desta análise será entender como ocorre a ficcionalização do período ditatorial, além de descrever as principais práticas repressivas utilizadas contra as pessoas contrárias ao regime, presentes na narrativa em questão.

### **2.1 Bernardo Kucinski (1937-): vida e obra**

Bernardo Kucinski nasceu em 1937, na cidade de São Paulo, é escritor, jornalista, cientista político e professor aposentado. Filho de imigrantes poloneses, na sua adolescência foi militante estudantil, durante o período ditatorial brasileiro foi perseguido e exilado político. Kucinski iniciou sua vida acadêmica fazendo graduação em física, pela Universidade de São Paulo. **Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p.197 – 216, ago. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto**

## DITADURA, SEQUESTROS E DESAPARECIMENTOS: UMA ANÁLISE DE K. RELATO DE UMA BUSCA (2011), DE BERNARDO KUCINSKI

Paulo (USP). Além disso, é doutor em ciências da comunicação também pela mesma universidade, e entre os anos de 2003 e 2005 foi assessor da presidência da República. Sua estreia na ficção se deu tardiamente apenas aos 74 anos, a partir da publicação da narrativa *K. relato de uma Busca* (2011), romance aclamado como uma das grandes obras literárias daquele ano, sendo traduzido em oito idiomas.

No ano de 1997 o autor foi vencedor do Prêmio Jabuti com a obra *Jornalismo econômico* (1996), a qual foi resultado de sua tese de pós-doutorado realizada em Londres. Com a publicação do seu romance *K. relato de uma busca*, Bernardo Kucinski foi finalista de seis prêmios literários no Brasil e no exterior, entre os quais os prestigiosos *Dublin Literacy Award*, da República da Irlanda, o prêmio São Paulo de Literatura e Portugal Telecom 2012. Kucinski recebeu em 2018 o prêmio jornalístico Vladimir Herzog, premiação destinada aos jornalistas que abordam temas como anistia e direitos humanos.

Kucinski possui uma vasta produção intelectual, escrevendo diversas obras de cunho jornalístico e literárias, no âmbito da literatura, pode-se mencionar: *K. relato de uma busca* (2011), *Você vai voltar pra mim e outros contos* (2014), *Alice não mais que de repente* (2014), *Os Visitantes* (2016), obra que dar continuidade a narrativa *K. relato de uma busca*, *Pretérito imperfeito* (2017), *A nova ordem* (2019) e *Júlia, nos campos conflagrados do Senhor* (2020). Diante da sua rica produção, o escritor é considerado como um dos principais nomes da autoficção e da literatura brasileira contemporânea.

### 2.2 K. relato de uma busca solitária, vazia e fragmentada

*K. relato de uma busca* está dividido em 29 capítulos, não numerados, os quais são compostos por variados subgêneros textuais como relatórios, atas de reuniões, cartas e por formas mais coloquiais como diálogos, fluxo de consciência e depoimentos. Todos esses gêneros, apesar de serem distintos e independentes entre si, se entrelaçam para reconstruir os acontecimentos que antecedem ao desaparecimento de A., bem como também, as ações posteriores a este episódio.

Em primeira instância, o eixo central da obra, que narra a busca de K. pela filha desaparecida, é composto por 14 capítulos, narrados em terceira pessoa, sem uma demarcação cronológica dos acontecimentos. Diante disso, por se tratar de um romance que possui um formato no qual o narrador reúne memórias, acontecimentos, diálogos e os relata da forma que lhe convém em seus registros, os capítulos não seguem uma linearidade nem temporal, nem de forma, além de não seguirem um padrão de tamanho, sendo curtos ou extensos.

Sobre a capa da obra, no caso da primeira reimpressão, aqui em análise, esta é composta por um fundo em coloração branca e traz uma imagem da letra K maiúscula em coloração vermelha, remetendo a cor de sangue. Em relação ao título da obra, infere-se que faça referência ao nome do personagem principal identificado apenas como K., ao tempo que evidencia o foco central do romance: o relato da busca do pai pela filha desaparecida.

Além disso, o título do romance faz uma intertextualidade com obras da literatura ocidental como *O processo* (1925), de Franz Kafka. Tendo em vista, que assim como o personagem Josef K, de Kafka, o personagem K., de Bernardo Kucinski, é envolto em uma situação “kafkiana” na qual, torna-se extremamente burocrático o desenvolvimento e solução desta. Tal situação é evidenciada quando no decorrer da narrativa constrói-se um labirinto de informações falsas fornecidas por informantes disfarçados que buscavam ludibriar, desmotivar e intimidar os familiares das vítimas desaparecidas.

Dentro desse contexto, a narrativa é construída por meio de relatos, memórias e diferentes pontos de vista. Esse aspecto, possibilita que no decorrer dos capítulos o leitor preencha as lacunas e os silêncios deixados entre um fragmento e outro. Diante disso, a narração é alternada entre a terceira e primeira pessoa, sendo predominantemente marcada pela fala do narrador onisciente e heterodiegético.

Com base nessas considerações, a frase inicial do livro: “tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu” (KUCINSKI, 2016, p.11) evidencia que a história retratada mescla ficção e realidade. Uma vez que as ações relatadas tem como base a experiência familiar do autor, por meio do relato, Bernardo Kucinski reconta sobre o desaparecimento, em 22 de abril de 1974, de sua irmã Ana Rosa Kucinski Silva e do marido desta, Wilson Silva, ambos desaparecidos pelo sistema de repressão da Ditadura militar

No romance o tempo é fragmentado, pois a narrativa se inicia trinta anos após o ocorrido: “como é possível enviar reiteradamente cartas a quem inexiste a mais de três décadas?” (KUCINSKI, 2016, p.13). Desse modo, os acontecimentos retratados na obra ocorreram no ano de 1974, auge do regime militar no Brasil. Já o presente narrativo é o ano de 2010, tal aspecto pode ser observado no primeiro e último capítulo do livro, quando narrador menciona a data de 31 de dezembro de 2010. Diante disso, esta particularidade temporal do romance está de acordo com a definição de matéria narrada “remota” elencada por Bastos, a qual deve haver um certo distanciamento entre os fatos narrados e a época vivida pelo escritor.

Porém, por se tratar de um romance de memórias a cronologia dos acontecimentos relatados não seguem uma ordem cronológica, sendo marcada pelo uso de digressões, fluxo de consciência e ausência de datas específicas. Em alguns capítulos, o narrador faz uso de

**Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p.197 – 216, ago. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto**

## DITADURA, SEQUESTROS E DESAPARECIMENTOS: UMA ANÁLISE DE K. RELATO DE UMA BUSCA (2011), DE BERNARDO KUCINSKI

enunciados que indicam a passagem dos dias, como se observa no trecho: “estamos no dia 23 de outubro de 1975. Passaram-se dezenove meses desde do desaparecimento da filha de K.,” (KUCINSKI, 2018, p. 142).

Nos demais capítulos, o narrador intercala entre passado, por meio das suas memórias da infância e adolescência da filha e o presente, marcado pelos acontecimentos posteriores ao desaparecimento desta. Assim, através do relato, K. tenta recriar a memória de A. e possíveis respostas para o seu sumiço. Contudo, a esperança de encontrá-la com vida, dará lugar apenas a intenção de ter seu corpo para velar, para que possa ter finalmente a sua matzeivá, conforme a tradição judaica.

A identidade do narrador em primeira pessoa é identificada no capítulo inicial, subentende-se que ele é o irmão de A.: “nunca conheceu meus filhos. Nunca pode ser a tia de seus sobrinhos” (KUCINSKI, 2018, p. 15). Além disso, os acontecimentos são retratados na cidade de São Paulo, no bairro do Bom Retiro, outros se passam em Petrópolis (RJ), em um centro clandestino de tortura.

Outrossim, a respeito dos personagens da obra, tanto os principais quanto os antagonistas, se mostram complexos. A exemplo, o personagem K. sua personalidade sofre mudanças significativas no decorrer da trama, K. era um judeu fiel aos ritos religiosos e a Literatura índiche. Porém, mediante o desaparecimento da filha e devido ao enorme cansaço e o arrefecimento de suas esperanças, despertam os sentimentos de perda e de culpa, tais sensações transformam o personagem e suas ações:

O pai que procura a filha desaparecida não tem medo de nada. Se no começo age com cautela não é por temor, mas porque, atônito, ainda tateia como um cego o labirinto inesperado da desapareição [...] Depois, quando se passaram muitos dias sem resposta, esse pai ergue a voz; angustiado, já não sussurra, aborda sem pudor os amigos, os amigos dos amigos e até desconhecidos (KUCINSKI, 2018, p. 83)

Do ponto de vista do protagonista clássico do romance histórico, K. representa o personagem de tipo mediano, que não segue uma trajetória heroica e não se apresenta como superior aos outros personagens. Além disso, não é uma personalidade histórica, mas sim um tipo comum, caracterizado como um imigrante judeu, dono de uma loja em São Paulo. Ademais, a trajetória das personagens está associada ao destino político da comunidade, pois traz o relato de desaparecimentos de presos políticos durante o regime militar e esse acontecimento interfere de forma significativa na vida dos protagonistas.

*K. relato de uma busca* se desenvolve seguindo um dos conceitos principais postos por Lukács sobre o romance histórico, o de retratar as motivações sociais e humanas vivenciadas no momento histórico abordado. Desse modo, há uma pretensão em figurar, a partir dos personagens e da narrativa, a forma como as pessoas, que vivenciaram o momento histórico retratado, como elas se sentiram, pensaram e agiram. Para tanto, Kucinski utiliza recursos diversos, com o intuito de representar com a maior totalidade possível as particularidades da população da época em questão.

Outro ponto a ser considerado, é que neste romance a matéria narrada de extração histórica refere-se o período da Ditadura Militar. Somado a isso, o autor ainda insere na narrativa, acontecimentos, personalidades e espaços históricos, ou seja, que ocorreram e existiram na realidade do período. Esses artifícios conferem à narrativa a verossimilhança essencial a um romance histórico. No mais, essas particularidades dialogam com as ponderações elencadas por Bastos quando cita a utilização supostas marcas registradas para o efeito de historicidade.

Conforme as considerações postas por Lukács, as grandes personalidades históricas não devem ser retratadas como protagonistas. Porém, é necessário que estejam presentes de forma significativa na trama. Ou seja, as grandes personalidades se fazem presentes na narrativa, mas são descritas apenas como personagens secundários. Logo, a inserção desses ocorre por meio de citações, diálogos, comentários e descrições feitas pelos personagens da obra.

Na obra em análise, algumas passagens com esses nomes surgem, como ocorre no capítulo “A terapia” quando a personagem Jesuína Gonzaga, ex-faxineira de uma das casas de tortura, cita o nome de Fleury, delegado do Dops durante a Ditadura Militar, a partir de 1968, considerado um dos repressores mais temíveis daquele período. Tal menção também ocorre através da fala da psicóloga: “O Fleury do esquadrão da morte? É dele que você está falando, Jesuína? Do Sérgio Paranhos Fleury?” (KUCINSKI, 2018, p.116).

Além do recurso a grandes personalidades históricas, Kucinski menciona em sua narrativa fatos documentados historicamente. Assim, há pelo menos dois momentos históricos citados no decorrer da obra. O primeiro refere-se à reunião dos familiares dos desaparecidos políticos com o arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns. No romance, o fato é retratado no capítulo “Sorvedouro de pessoas”: “o arcebispo havia convocado uma reunião com familiares de desaparecidos políticos” (KUCINSKI, 2018, p. 22).

Esse episódio relatado ocorreu em 1974, quando o arcebispo entregou ao general Golbery do Couto e Silva um dossiê sobre 22 desaparecidos, junto aos familiares das vítimas. O capítulo “Esse dia a terra parou” traz outro acontecimento documentado, mencionando o **Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p.197 – 216, ago. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

## DITADURA, SEQUESTROS E DESAPARECIMENTOS: UMA ANÁLISE DE K. RELATO DE UMA BUSCA (2011), DE BERNARDO KUCINSKI

pronunciamento em agosto de 1974, do ministro Armando Falcão no rádio e na Tv sobre os desaparecidos: “o presidente anunciara que, ao meio-dia em ponto, o ministro da justiça Armando Falcão revelaria o paradeiro dos desaparecidos” (KUCINSKI, 2018, p. 116).

Por fim, a narrativa apresenta um tom conclusivo quanto aos eventos históricos focalizados. Tal aspecto é observado no “Post Scriptum” quando o narrador cita: “passadas quase quatro décadas, súbito, não mais que de repente, um telefonema a essa mesma casa, a esse mesmo filho meu que não conheceu sua tia sequestrada e assassinada” (KUCINSKI, 2018, p. 168). Mediante esse trecho compreende-se o possível desfecho da narrativa, a família reconhece que A. fora mais uma vítima do sistema ditatorial e que apesar do tempo decorrido ainda são perseguidos ao tentarem buscar respostas. Assim, a narrativa traz uma reflexão a respeito das cicatrizes deixadas pela Ditadura Militar nas milhares de famílias de desaparecidos.

### 2.3 Ditadura, sequestros e desaparecimentos

Na sequência serão analisados os principais recursos e os efeitos causados na obra, no tocante a ficcionalização do regime militar e as principais práticas opressoras executadas pelo governo durante esse período. A princípio, a narrativa se desenvolve seguindo a definição de resistência elencada por Bosi. Assim sendo, a busca do pai pela filha desaparecida é um ato de resistência, pois luta contra um sistema repressivo, ao tempo que resiste as forças exteriores que lhes são postas: “quando as semanas viram meses, é tomado pelo cansaço e aferrece, mas não desiste. O pai que procura a filha desaparecida nunca desiste” (KUCINSKI, 2018, p. 84).

Além disso, na narrativa há os dois tipos de resistência elencadas pelo teórico. Dessa maneira, à resistência enquanto temática da obra, é observada quando o autor ficcionaliza o período ditatorial brasileiro, nesse sentido sua obra torna-se um registro documental de resistência daquela época de repressão. No segundo tipo, a resistência é tida como processo imanente da escrita. Sob esse viés, essa particularidade é presente através do personagem K., o qual torna-se símbolo de resistência e de luta pois, resiste e enfrenta os antivalores que lhe são postos, como por exemplo, os informantes que a mando do governo forneciam pistas falsas com o objetivo de enganar os familiares dos desaparecidos.

Em *K. relato de uma busca*, a ficcionalização do regime militar é representada por um acontecimento documentado pelo período: os desaparecimentos forçados de militantes opositores à Ditadura militar. A partir disso, a narrativa se desenvolve por meio do relato da busca do pai por sua filha, desaparecida política, que lutava contra o regime ditatorial. Através

desse fato, o autor cita figuras e espaços históricos, ou seja, que ocorreram e existiram naquele período e menciona as principais práticas repressivas do Estado durante o regime.

Fundamentado nisso, no romance as principais práticas opressoras observadas são: desaparecimentos, opressão, sequestros, desinformações e a tortura de pessoas consideradas “inimigas” do governo. A respeito disso, Carlos Fico elenca que esses meios repressivos faziam parte das mais temidas facetas do período: “o sistema de informações e de segurança, ou seja, o conjunto de órgãos encarregados de fazer espionagem e reprimir os brasileiros considerados ‘subversivos’” (FICO, 2001, p.18).

Sob esse viés, a prática dos desaparecimentos forçados é narrada no capítulo “Sorvedouro de pessoas”. O título faz menção a esse método empregado pelo aparato repressivo contra os seus antagonistas. A partir desse capítulo, K. passa a vivenciar o drama que iria lhe acompanhar durante toda trama: o desaparecimento repentino da filha. No entanto, a tragédia que envolvera o idoso pai não era exclusiva sua, pois dar-se conta que outras famílias também vivenciavam aquela situação: “todos os vinte e dois casos computados naquela reunião tinham uma característica comum assombrosa: as pessoas desapareciam sem deixar vestígios. Era como se volatilizassem” (KUCINSKI, 2018, p. 24-25).

No capítulo “A cadela” é retratado uma cena de sequestro, na qual subtende-se que seja de A. e seu esposo. No trecho um dos sequestradores toma a palavra e se dirige a um ouvinte indeterminado. Depois de confirmar que o rapto do “casal” sucedeu conforme foi ordenado: “com o casal deu tudo certo, do jeito que o chefe gosta, sem deixar rastro, sem testemunha, nada [...] pegamos os dois no beco, de surpresa; uma sorte, aquela saída lateral do parque, quando os dois se deram conta, já estavam dentro do carro e de saco na cabeça” (KUCINSKI, 2018, p. 60).

Dialogando a respeito dos sequestros e desaparecimentos, o professor Joachim Michael em seu artigo “Memória do desaparecimento: a ditadura no romance *K. Relato de uma busca*”, reflete que “o romance de Bernardo Kucinski mostra que o desaparecimento forçado é uma estratégia de aniquilamento expansivo” (2016, p.17). Além dessas considerações, o autor acrescenta que “a essência nefasta desse crime vai mais além da tortura e do assassinato das vítimas: inflige aos familiares outro sofrimento muito particular, que é a incerteza da morte” (MICHAEL, 2016, p. 22).

Diante disso, observa-se uma ímpar particularidade pertencente ao romance de Kucinski, pois o autor aborda outra perspectiva vivenciada no período ditatorial. Em outras palavras, faz uma reflexão a respeito daqueles que não foram alvos diretos dos aparelhos repressivos, a saber, as famílias dos desaparecidos políticos, que diante do sumiço inexplicável

**Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p.197 – 216, ago. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto**

## DITADURA, SEQUESTROS E DESAPARECIMENTOS: UMA ANÁLISE DE *K. RELATO DE UMA BUSCA* (2011), DE BERNARDO KUCINSKI

de um familiar, foram obrigados a ter de conviver com o trauma da incerteza, do vazio e de um luto que nunca ocorreu pois, jamais tiveram um corpo para velar, enterrar e colocar suas lápides.

A respeito disso, o artigo “A ditadura civil-militar no romance *K. relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski”, de Rafael Nunes Ferreira, cita que a obra é fortemente calcada em uma experiência individual e coletiva. Nas palavras do autor: “a capacidade da literatura de Kucinski em recriar, a partir de um trauma individual, uma experiência que afetou aqueles que foram atingidos, direta ou indiretamente, pelas arbitrariedades do estado de exceção instaurado após 1964” (FERREIRA, 2021, p. 26).

O pesquisador ainda destaca que a obra é composta por diversos fatos historiográficos e elementos do período ditatorial. Deste modo, tais aspectos tornam-se de suma importância na composição da narrativa pois, conferem veracidade aos fatos retratados. Outro ponto levantado pelo o autor é que o livro de Kucinski possui um espaço considerado: “ínfimo no cenário da literatura brasileira, *K. Relato de uma busca* pode servir de alento para a criação de uma “cultura da memória” ao menos no campo literário” (FERREIRA, 2021, p. 26).

Outrossim, as engrenagens do dispositivo repressivo que permitiam a supressão de seus opositores também são descritas na narrativa: “desconhecidos andaram perguntando por ela, sabe? Há gente estranha no campus. Anotam chapas de carros. Eles estão dentro da reitoria” (KUCINSKI, 2018, p. 18). Esse trecho dialoga com as considerações postas por Carlos Fico, o qual elenca que essas ações de recolher informações eram importantes para o sistema nacional de segurança e investigação pois: “saber detalhes sobre a vida dos opositores poderia ser essencial para as atividades clandestinas de espionagem do sistema, que poderia - como efetivamente fez - lançar mão de tais dados para desqualificar o inimigo” (FICO, 2001, p.76).

Sob esta perspectiva, outra prática repressiva citada é a tortura, utilizada para disseminar o medo entre os perseguidos pelo sistema. Porém, é válido ressaltar que ao mencionar a temática da tortura em sua obra, Kucinski não faz uso de imagens fortes de violência como se observa em outros romances históricos de temática semelhante. No mais, esse fato é retratado também no capítulo “A terapia”, partir do diálogo de Jesuína Gonzaga e sua psicóloga.

Com base no relato de Jesuína, tem-se o conhecimento do dia-a-dia dos militares torturadores e dos prisioneiros, da rotina da casa usada como centro de torturas, a execução e a ocultação dos corpos, que em muitos casos nunca foram localizados. Dessa maneira, a personagem descreve que: “vi uns ganchos de pendurar carne igual nos açougues, vi uma mesa grande e facas igual de açougueiro, serrotes, martelo. Vejo esse buraco, pedaços de gente. Braços, pernas cortadas. Sangue, muito sangue” (KUNCISKI, 2018, p.121).

Além disso, a ex-faxineira relata sobre como os agentes desapareciam com os corpos dos presos: “tinha um tambor. Desses grandes de metal [...] levavam os presos pra lá e umas horas depois saíam com uns sacos de lona bem amarrados, colocavam os sacos numa camionete estacionada de frente pro portão” (KUCINSKI, 2018, p. 121). Logo, essas ações descritas evidenciam as atividades do sistema da repressão, especificamente, o DOI-CODI, responsável pelas prisões e torturas. A respeito dessas práticas contra os presos políticos, Carlos Fico elenca que “a tortura dos prisioneiros foi técnica rotineiramente empregada como forma de obter, imediatamente, a revelação do que se chamava de ponto” (FICO, 2001, p.131).

Ademais, é retratado que além das torturas físicas contra os considerados inimigos é realizado a tortura psicológica contra os familiares das vítimas. Tal ação era realizada por meio do fornecimento de informações e pistas falsas sobre o destino dos desaparecidos: “mineirinho, lembra do velho que nós fodemos mandando o Fogaça inventar que viu a filha dele?” (KUNCISKI, 2018, p.67).

Por fim, é descrito a cumplicidade e a omissão da sociedade e das instituições diante dos casos de desaparecidos políticos: um exemplo é a universidade, que cede às pressões dos militares e demite a professora por abandono de suas funções. A respeito disso, Fico cita que “tudo deveria ser feito para que os intelectuais opositoristas fossem silenciados, inclusive através de pressões encaminhadas aos seus superiores” (FICO, 2011, p.190). Portanto, durante o período ditatorial o governo ocasionava a destruição dos inimigos através das torturas, sequestros, desaparecimentos forçados, sendo esta umas das formas mais cruéis de aniquilamento contra aqueles que se mostravam contrários ao regime.

## Conclusão

Retomando às questões centrais e a problemática de pesquisa que nortearam este trabalho, ou seja, de que modo ocorre a ficcionalização do período ditatorial brasileiro (1964-1985), e das práticas repressivas utilizadas pelo Estado contra aquelas pessoas tidas como “subversivas”, representadas no romance *K. relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski. Mediante análise, constatou-se os recursos estilísticos e temáticos usados pelo autor para retratar o regime militar e os principais mecanismos opressores executados pelo governo presentes na narrativa.

Analisando os recursos utilizados do modo clássico do romance histórico, observou-se que a obra retrata as particularidades do período histórico ficcionalizado, além de representar a vida popular e comum do povo. Outrossim, o protagonista do romance é retratado com um

**Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p.197 – 216, ago. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

## DITADURA, SEQUESTROS E DESAPARECIMENTOS: UMA ANÁLISE DE K. RELATO DE UMA BUSCA (2011), DE BERNARDO KUCINSKI

caráter mediano e que representa a coletividade social. Além disso, a apresentação das figuras históricas no decorrer da trama ocorre em segundo plano, como coadjuvantes, seguindo assim as considerações postas por Lukács.

A narrativa apresenta as características que servem de base para a historicidade do gênero romance histórico. Com base nisso, elenca-se a matéria narrada de extração histórica, ao tempo que também retrata o período de crise da história de uma nação, abordando acontecimentos ocorridos durante o período ditatorial brasileiro. Além do mais, na narrativa, a trajetória das personagens está associada ao destino político da comunidade, pois aborda a prática dos sequestros e dos desaparecimentos de militantes contrários ao regime.

A respeito do fato histórico ficcionalizado, ao longo do romance observam-se a presença de supostas marcas registradas para o efeito de historicidade, como por exemplo, a menção aos acontecimentos registrados da época, datas e participações de figuras históricas. Outro aspecto, refere-se a remotividade da matéria narrada, uma vez que esta é remorada após quase quarenta anos, havendo além disso, o distanciamento necessário entre os fatos narrados e a época vivida pelo escritor. Por fim, a narrativa apresenta um tom conclusivo quanto aos eventos históricos focalizados, pois subtende-se o desfecho das ações ocorridas no decorrer da trama.

Ademais, a ficcionalização da Ditadura Militar é observada ao longo dos capítulos mediante a retratação dos principais dispositivos repressivos que permitiam a supressão das ações e direitos daqueles considerados como opositores. Constatou-se que o aparato opressor se dá através dos sequestros, repressão, desinformações e torturas, fatos documentados pelo período. Assim sendo, há no decorrer da obra o relato da cena do desaparecimento forçado da personagem A. e de seu esposo, bem como a descrição de como eram realizadas as torturas, execução e ocultação dos corpos das vítimas. Desse modo, todas essas práticas opressivas eram utilizadas para disseminar o medo entre os perseguidos pelo sistema.

Assim, a obra *K. relato de uma busca* constrói-se como um ato de resistência, pois ressalta os valores como a conservação dos direitos humanos, liberdade de expressão e a importância de uma sociedade democrática. Além disso, faz uma denúncia sócio-histórica a respeito das práticas de sequestros, torturas e desaparecimentos e por meio desta temática, retrata a dor e o sofrimento das vítimas e de seus familiares, os quais foram obrigados a conviver sem respostas concretas sobre os sumiços, sem os restos mortais de seus entes queridos para velar e vivenciar o luto.

Em síntese, o romance é construído por estratégias da não linearidade, da fragmentação e da união de múltiplos pontos de vista narrativos que retrata a busca de K. por sua filha. O

autor apresenta reflexões sobre o período ditatorial revelando os resquícios traumáticos que esta época legou para a sociedade brasileira, especialmente, para as milhares de pessoas que foram vítimas das perseguições, prisões sem direito a defesa, torturas e sequestros. Logo, mediante a realidade opressora retratada na obra, tem-se conhecimento da violência sofrida pelas pessoas perseguidas durante esse período.

Portanto, observa-se assim a relevância deste estudo como um alerta sócio-histórico das ações do presente no Brasil e os riscos do retorno aos discursos reacionários e ditatoriais passados. Desta forma, a obra de Kucinski e dos demais autores que se vinculam à produção ficcional brasileira e que se debruçam sobre o período ditatorial, promovem uma reflexão acerca das ditaduras em países da América latina. Também retratam por meio dos seus personagens uma representação do contexto vivenciado durante a Ditadura Militar brasileira.

## Referências

BASTOS, Alcmemo. **Introdução ao romance histórico**. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FICO, Carlos. **Como eles agiam**: os subterrâneos da Ditadura Militar. Espionagem e polícia política. Editora Record, 2001.

FERREIRA, Rafael Nunes. A ditadura civil-militar no romance *K. relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski. **EntreLetras**, v. 12, n. 2, p. 10-28, 2021.

JUNIOR, Arnaldo Franco. Operadores de leitura da narrativa. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências. Maringá: Eduem, 2009.

JÚNIOR, Benjamin Abdala. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

KUCINSKI, Bernardo. **K. - Relato de uma busca**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MICHAEL, Joachim. Memória do desaparecimento: a ditadura no romance *K. Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski. **Teresa**, n. 17, p. 15-30, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.